

## TEÓFILO BRAGA: O ARCABOUÇO MÍTICO NOS CONTOS POPULARES PORTUGUESES

Lívia Petry Jahn<sup>1</sup>

Em meados do séc. XIX a Europa conheceu um movimento advindo do Romantismo e do cientificismo, que foi o movimento de redescoberta do folclore nacional, nos vários países europeus, que então se constituíam como nações. Com Portugal não foi diferente, e através de estudiosos que buscavam as raízes do conto popular, entre eles Teófilo Braga, a nascente pátria portuguesa pôde conhecer-se um pouco mais. Foi por esta época que os portugueses se colocaram as seguintes questões: o que nos faz portugueses, quem somos nós? Respondendo a essas questões, Teófilo Braga realizou todo um trabalho de coligir os costumes, as crenças, as tradições do povo português, bem como sua poesia oral e seus contos tradicionais.

Através de um estudo minucioso das origens dos contos populares e da etnogenia da literatura portuguesa, Teófilo trouxe à visão literária de seu tempo, o aspecto cientificista e positivista de Augusto Comte, Kuhn, Spencer, entre outros. Este etnólogo da literatura, se podemos chamá-lo assim, terminou por abarcar dentro da sua visão de mundo, uma outra que revelasse a verdadeira identidade dos portugueses. Essa outra visão baseava-se na *etnogenia*, ou seja, no estudo dos vários povos e etnias que formaram ao longo de várias civilizações, aquela que deveria desembocar na constituição do povo português. A busca por essa explicação, deu à história de Portugal toda uma espessura e uma originalidade que até então esta não possuía. Os contos tradicionais do povo português derivariam, assim, das mais diferentes etnias e civilizações como é o caso dos Cuchitas, dos Mongolóides, dos Indo-Europeus, dos Semitas, e finalmente, dos Cristãos. Todos esses povos e culturas serviriam para dar uma base heterogênea àquela que será mais tarde, a cultura portuguesa.

Assim, para Teófilo Braga tanto Portugal quanto outros países europeus, teriam em suas raízes ficcionais um caudal de influências diversas das mais remotas e diferentes civilizações.

Isto posto, também a problemática do mito, da qual trataremos mais adiante, daria ao mundo todo uma vertente comum de onde surgiriam todas as formas de ficção realizadas pelo ser humano. Para Teófilo Braga o homem primitivo seria o grande responsável pelo surgimento das narrativas tradicionais. A seu ver, houve ao longo dos tempos, um intervalo onde o homem em seus primórdios, buscou explicar os fenômenos da natureza criando deuses e mitos, personificando o mundo à sua volta. Desta forma, aquilo que à primeira vista parecia inexplicável, através da imaginação e da linguagem tornava-se compreensível.

Assim, surgiram as primeiras analogias e metáforas e mais tarde, os primeiros heróis (semideuses), as tarefas iniciáticas, os seres malévolos, os objetos mágicos. O mito seria então a raiz comum de todos os contos existentes sobre a face da terra. E podemos vislumbrar essa origem mítica dos contos populares através da análise que Augusto Comte realiza, abordando as estruturas ficcionais e as estruturas religiosas da

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura Portuguesa e Luso-Africanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutoranda em Literatura Portuguesa e Luso-Africanas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

humanidade em seus vários tipos de discurso. Para Comte, a produção narrativa do ser humano poderia bem ser dividida em três partes, a saber:

- Fábulas, Apólogos, Anexins = Estágio Fetichista – Sobrevivências das civilizações Cuchita e Mongolóide.
- Contos e Epopéias = Estágio Politeísta – Originários das civilizações indo-européias.
- Casos, Novelas, Exemplos, Lendas, Parábolas = Estágio Monoteísta – Origem na civilização cristã e ocidental.

Assim, podemos vislumbrar nos contos populares a conservação de elementos da fantasia e do modo de ser das tribos selvagens. É frequente nos contos populares a antropofagia, e os poderes mágicos das pedras, das plantas e dos animais representam um estado mental a que na religião corresponde o período fetichista. Enquanto isso, os mitos siderais correspondem já a um estado mental elevado em que predominam as concepções politeístas, em que as forças da natureza se antropomorfizam. Nos contos há o conflito dos seres malévolos (elementos da credulidade fetichista) e os poderes mágicos como característicos de cultos decaídos, não encontrados em épocas politeístas. Os contos surgem assim, como estórias que percorreram desde as sociedades selvagens até as mais elevadas civilizações, revestindo-se de grande imaginação, conservando os velhos costumes e outras vezes servindo como norma para transmitir a memória de novas situações.

Nos contos tradicionais do povo português podemos encontrar bem definidos estes estágios civilizatórios de que trata Comte. Iniciaremos assim, nosso estudo, com um conto que remonta ao período fetichista, onde os animais possuem poderes mágicos.

O conto chama-se “O Peixinho Encantado” e traz a história de um menino parvo que ao agarrar um peixe na beira de um rio, ouve de seu interlocutor as seguintes palavras:

- “Não me mates, que em paga, quando quiseres alguma coisa, basta dizeres: Peço a Deus e ao meu peixinho que me dê tal e tal, que tudo há de sair como pedires.” (BRAGA, 2002, p. 159)

Estes poderes mágicos do peixinho, fazem com que o menino parvo se transforme num jovem belo e inteligente e case com a princesa de seu reino, dando a ela um filho. Eis aí, um exemplo do período fetichista onde plantas, animais, pedras, possuem poderes extraordinários e vontade própria. Vemos essa mesma construção no conto “As Três Cidras do Amor”. Neste conto, um jovem príncipe que andava à caça, ao sentir sede abre uma cidra. Porém, daí vê surgir uma formosa menina que lhe pede água. Ele não possui água consigo, e a menina morre. O mesmo sucede com a segunda cidra que toma nas mãos, e somente a terceira é que o príncipe abre quando já se encontra próximo de uma fonte. Dela também sai uma linda moça com quem o príncipe decide se casar. Porém o príncipe é impelido a partir para o palácio em busca de roupas para sua noiva. Nesse ínterim, uma negra vai à fonte, descobre a menina e a enfeitiça transformando-a numa pomba ao cravar-lhe alfinetes em sua cabeça. A negra toma o lugar da menina, mas o encanto é descoberto a tempo, o príncipe casa-se com a bela moça e a negra morre e sua pele é transformada em tambor. Nesta história podemos ver claramente os resquícios do período fetichista na forma de uma bela moça que sai de uma fruta encantada, e por encantamento é transformada em pomba e depois, novamente em donzela. Os alfinetes são os objetos mágicos que transformarão a moça em pomba e ao serem retirados, devolverão à moça sua forma anterior. Há aqui uma naturalização do sobrenatural, assim, o príncipe não estranha o fato de uma bela moça sair de dentro de uma fruta, ou o hortelão não estranha o fato de uma pomba falar e

perguntar sobre o príncipe. Todos os elementos sobrenaturais são tratados com a mais absoluta naturalidade e a própria natureza é o objeto encantado que tem vontade própria e que é animado pelo homem.

Porém, se aqui animais falam, e plantas transformam-se em donzelas formosas, há contos em que isso não acontece. O natural e o sobrenatural se contrapõem de outra maneira, e assim vamos ter histórias que remetem também ao período politeísta, como é o caso do conto “O Velho Querecas” que faz uma releitura do mito de Eros e Psiquê. Neste conto, três irmãs decidem economizar o aluguel, ao irem morar numa casa mal-assombrada. A mais nova delas, decide dormir no último andar e aí, à noite, vê despencarem os pedaços do corpo de um fantasma. Como não se assusta com a presença do fantasma, este lhe dá uma bolsa de onde saem moedas de ouro em profusão, e diz-lhe que chame pelo “Velho Querecas”, sempre que precisar de ajuda. A moça agradece, e, na noite seguinte, sente alguém se esgueirando para dentro de sua cama. Curiosa, acende uma vela e espia debaixo das cobertas. Qual não é seu espanto, quando descobre um belo rapaz ali deitado. A vela porém, solta um pingo de cera que acorda o rapaz e quebra-lhe o encanto que estava quase no fim. O rapaz, então some. A moça pede que o Velho Querecas lhe ajude e ele entrega-lhe trêsovelos de lã que deve seguir até onde a levarem. A moça termina sua jornada às portas de um palácio, onde pede pouso ao jardineiro. Este permite que ela passe o pernoite num palheiro. Ao deitar-se lá, a moça dá a luz a uma criança, e tudo se transforma, surgindo um belo quarto no lugar do celeiro. O jardineiro chama a rainha que reconhece no recém-nascido os traços de seu filho desaparecido. A rainha faz notar que a criança tem uma marca nas costas na forma de um cadeado e de uma chave. A mãe a toma nas mãos, põe a chave no cadeado, e surge então, o príncipe, finalmente desencantado.

Esta história nos remete diretamente ao mito de Eros e Psiquê, recontando sua trajetória de uma outra maneira. Pelas características que apresenta, uma heroína corajosa, um herói encantado, um doador mágico, objetos mágicos, um rito iniciático, podemos dizer que se trata sem sombra de dúvida de uma história do período politeísta onde homens e deuses disputam os mesmos lugares através das tarefas que cada um executa. Já não há aqui vestígios de animismo ou fetichismo, mas antes de seres humanos que, tocados pelo sobrenatural seja na forma de um ente fantasma, seja na forma de um homem que desaparece sem deixar vestígios, se submetem à ele em sua jornada de iniciação à vida adulta, neste caso, exemplificada na maternidade. Assim, neste conto, as forças da natureza se antropomorfizam, e surge todo um sistema de concepções gerais para explicar a complexidade dos fenômenos, característica evidente dos mitos.

Podemos vislumbrar desta maneira a incorporação do mito grego ao conto popular português, trazendo consigo toda uma série de novas significações. A moça enfrenta uma prova de coragem e passa na prova, então o amor lhe é revelado, mas ela o perde em função da sua curiosidade. Para retomar o amor, ela passa por outra prova, distancia-se de casa, segue um destino incerto, dá à luz a uma criança, liberta o príncipe de seu encanto. O mito fala-nos de provas que darão início à vida de mulher adulta, fala-nos da capacidade de termos coragem diante do incerto e do desconhecido e de confiarmos no imponderável sem querer atravessá-lo com nossa curiosidade. Nos mostra que o amor é além de tudo uma busca humana, e está além da visão da razão, não se mostra para aqueles que são lógicos, mas para aqueles que arriscam-se em seu nome, sem saberem onde irão parar. O amor é assim, uma prova iniciática pela qual todos os seres humanos passam, e por isso, seu mito se eterniza neste conto.

Além do politeísmo, temos também nos contos tradicionais portugueses, a ascendência da civilização cristã e histórias de origem monoteísta como é o caso do conto “A Gaita Maravilhosa”. Neste conto, Cristo e São Pedro passam por um laranjal guardado por um rapazinho. Como São Pedro estivesse com sede, o menino ofereceu-lhe as laranjas. Em paga daquela generosidade, Cristo oferece ao menino sua salvação ao que o pequeno retruca que gostaria de possuir também uma gaita que fizesse dançar a todos. Cristo então lhe fornece a gaita. O menino põe-se a tocar, e um vendedor de louças que passava por ali com seu burrinho, ao ouvir o som da gaita termina por dançar tanto junto com seu animal que toda sua louça se quebra. Em vista disso, leva o menino ao tribunal. O juiz pede para que ele toque seu instrumento, e nesse momento, a mãe do juiz que estava entrevada há sete anos, põe-se a dançar e a louvar o poder daquele instrumento. Desta maneira, o menino sai absolvido do julgamento.

Eis aqui, um conto que nos remete à civilização cristã e ao período monoteísta da ficção humana. Cristo surge aqui como aquele que irá distribuir as bênçãos e a salvação a quem quiser servi-lo de bom grado. São Pedro também tem um papel relevante, e é o primeiro homem santo que surge na história com necessidades básicas humanas. Ao satisfazer as necessidades de um santo, o menino é recompensado. Sua gaita, por ser divina, só pode ser ouvida e valorizada por alguém justo (no caso o juiz), pois os homens que apesar de ouvirem a música de Deus ainda assim se apegam às coisas do mundo (o vendedor e sua louça), não têm discernimento para enxergar as bênçãos daquele instrumento. Assim, essa história nos fala do desapego às coisas do mundo, que se faz necessário se queremos ouvir a Deus. E nos revela que Deus é, sobretudo, alegria, música, dança, celebração da vida. Seguindo o formato de uma parábola, o divino aparece encarnado nas figuras emblemáticas de Cristo e de São Pedro. Assim, o sobrenatural surge como alguém humano e divino ao mesmo tempo. O herói se destaca por sua generosidade, por seu desprendimento. Essas são as características que irão levá-lo a fazer sua jornada rumo a uma existência mais feliz. O herói, aqui, é aquele ser humano capaz de fazer a vontade de Deus por sua própria vontade, através do livre-arbítrio, ele escolhe seguir o caminho que leva à salvação. E só o herói tem capacidade para enxergar que ele próprio é um instrumento de uma força maior, de um Ser divino.

Assim, ao pedir uma gaita, o rapazinho se coloca como um receptáculo daquilo que é soberano, sobrenatural, divino. Desta forma, o mito da salvação cristã se configura e toma o lugar de conto popular. Recriando mitos, resgatando civilizações antigas, o conto popular irá sempre se servir das narrativas humanas em todos os seus estágios de evolução para poder transmitir os valores que sempre fizeram com que o homem buscasse seu lugar no mundo. Seja através do fetichismo, do politeísmo, do monoteísmo, o ser humano sempre esteve em contato com o inexplicável em todos os tempos, e isso se traduz por uma visão humana de Deus. O Divino irá não só se estruturar por meio dos mitos, a partir dos fenômenos da natureza, mas irá também adquirir aos poucos, um caráter humano. É justamente quando o homem se enxerga como parte integrante de Deus, que surgem as religiões e, por conseguinte, os heróis. Afinal, o que é um herói senão aquele que sai em busca de si mesmo, e após muitas provações, encontra o seu refúgio no destino que as divindades lhe preservaram? O herói personifica desta maneira, a própria busca humana por uma identidade que lhe coloque em contato com a transcendência de seu ser. Assim nos contam os portugueses, assim nos contam os povos de todos os tempos e lugares.

## **Referência**

BRAGA, Teófilo, (2002): *Contos Tradicionais do Povo Português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002. v. I e II.